

Sobre géneros de texto

Antónia Coutinho

In Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais

ISBN 978-989-20-9853-1

Como citar

Coutinho, A. (2019). Sobre géneros de texto. In A. Coutinho & N. Jorge (Cords.), *Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais* (pp. 06-09). NOVA FCSH-CLUNL.
<https://novaresearch.unl.pt/en/publications/ensinar-géneros-de-texto-conteúdos-estratégias-e-materiais>

SOBRE GÉNEROS DE TEXTO¹

ANTÓNIA COUTINHO²

Conversamos em casa, na escola, no trabalho, escrevemos *emails* e mensagens nas redes sociais, ouvimos notícias, assistimos a diferentes programas na televisão (entrevistas, reportagens, documentários), lemos romances e tiras de banda desenhada, biografias e autobiografias, vemos anúncios publicitários, lemos blogs (e talvez escrevamos também em blogs), assistimos a debates e prestamos atenção a discursos políticos quando o tema nos interessa ou a situação nos preocupa. Em todos estes casos interagimos através de textos, produzidos oralmente ou por escrito. E a lista poderia continuar, prolongar-se quase interminavelmente: de facto, o nosso dia a dia é preenchido por textos orais e escritos muito variados.

Não usamos indiferenciadamente todos estes textos: sabemos, por exemplo, que uma aula não se confunde com uma conversa (mesmo que haja momentos de conversa numa aula) e somos capazes de dizer que um debate a que assistimos foi tão mau que mais parecia uma conversa (de café). Quer isto dizer que a nossa experiência de comunicação vai acumulando conhecimentos sobre diferentes grupos de textos com características comuns, que conhecemos geralmente através de uma designação: entrevista, romance, debate, etc.

¹ Uma primeira versão deste texto foi publicada nos manuais escolares que integram o projeto *Encontros* (10.º, 11.º e 12.º anos), publicado pela Porto Editora entre 2015 e 2017.

² **Antónia Coutinho** é professora associada na NOVA FCSH (Departamento de Linguística), doutorada em Linguística (Teoria do Texto) pela mesma Universidade, orientadora de relatórios de estágio, teses de mestrado e de doutoramento na área dos estudos linguísticos sobre os textos e os discursos e da didática da língua materna e formadora reconhecida pelo CCPFC (Português/ Língua Portuguesa e Linguística).

Os géneros de texto e as atividades sociais

Em Ciências da Linguagem e em Teoria da Literatura estes grupos de textos são referidos como *géneros de texto* e considera-se que as características que permitem identificá-los e diferenciá-los são de duas ordens: contextuais (associadas à situação de comunicação) e organizacionais.

Características contextuais	Características organizacionais
<ul style="list-style-type: none">• Quem fala ou escreve? E para quem?• Que papel social desempenha quem fala / escreve? <i>Ex.: Fala como amigo(a)? Como professor(a)? Como estudante? Como pai ou mãe? Como representante da junta de freguesia?</i>• Que papel social atribui quem fala / escreve às pessoas a quem se dirige?• Em que circunstâncias (de lugar e de tempo) se desenrola a comunicação?• Que finalidades ou intenções tem quem fala / escreve?	<ul style="list-style-type: none">• Qual é a estrutura do texto? (Textos de diferentes géneros – como uma entrevista, um anúncio publicitário ou um relato de viagem, por exemplo – serão estruturados de forma diferente.)• Que recursos gramaticais são utilizados para estabelecer e identificar a estrutura do texto? <i>Ex.: conectores, tempos verbais, pontuação</i>• No caso dos textos orais, que recursos não verbais são usados para estabelecer e identificar a estrutura do texto? <i>Ex.: entoação, ritmo, expressividade</i>

Combinadas entre si, as características contextuais e organizacionais de cada texto concreto fazem dele um exemplar de um determinado género.

Chegamos assim a uma questão central, na problemática dos géneros de texto: a forma como se relacionam com os diferentes contextos em que se organiza a vida em sociedade. Podemos, nesse sentido, enumerar uma longa lista de atividades sociais: familiar, quotidiana, religiosa, política, partidária, comercial, jornalística, empresarial, publicitária, escolar, académica, científica, literária, jurídica. A lista não é exaustiva (nem pretende ser rigorosa). O que importa aqui é mostrar que os géneros de texto se estabilizam, se modificam, se transformam e se reinventam no âmbito das diferentes atividades sociais – e é nesse sentido que se pode falar, por exemplo, de géneros jornalísticos ou de géneros publicitários.

De uma forma geral, pode dizer-se que os géneros de texto não têm uma estabilidade rígida – dependendo, no interior de cada atividade, de fatores de época e de cultura.

Esta questão pode ver-se particularmente bem ilustrada na atividade literária: épocas houve em que foi regra a reprodução fidelíssima do género de texto (alguns sonetos de Camões são reproduções muito próximas de sonetos de Petrarca e *Os Lusíadas* existem na lógica clássica de imitação do género – o que em nada desmerece do génio poético do autor, como é evidente); hoje em dia, numa tendência inaugurada com o Romantismo, a imprevisibilidade relativamente ao género é particularmente apreciada e valorizada em termos literários.

Géneros de texto e tipos de texto

Na bibliografia especializada, aparece frequentemente a noção de *tipos de texto* (ou *protótipos textuais*), nem sempre claramente diferenciada da de *géneros*, e os documentos normativos correm o risco de refletir essa ambiguidade – que se pode resolver de forma simples.

Enquanto os géneros de texto funcionam (aparecem, desaparecem, transformam-se) no contexto das atividades sociais a que estão associados, como atrás se viu, os tipos de texto correspondem a estruturas textuais fixas: consideram-se hoje, em geral, os tipos narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal. A partir daqui, podem compreender-se dois fatores distintivos: o facto de os géneros terem uma natureza empírica, enquanto os tipos são de carácter teórico; conseqüentemente, o dinamismo dos géneros, irredutíveis a uma lista fechada (verificando-se, por exemplo, a coexistência de géneros próximos, sem fronteiras nítidas), por oposição à contenção e rigidez dos tipos, que se definem pela presença (ou ausência) de um conjunto de características claramente identificadas (o que determina, em última análise, a condição tipológica, a que são alheios os géneros de texto).

Querá isto dizer que há uma única escolha possível, no uso (metalinguístico) de géneros ou de tipos de texto? Sim e não. Sim, porque não se devem confundir as duas expressões: elas não são, de forma nenhuma, sinonímicas e, como tal, não são substituíveis entre si. Mas isso não quer dizer que sejam incompatíveis. Vejamos porquê.

Uma das maiores dificuldades com a noção de *tipo de texto* terá provavelmente a ver com a generalização do uso desta expressão relativamente a uma outra que lhe é próxima: *sequência prototípica*. Pode dizer-se da *sequência prototípica* o que atrás se disse do *tipo de texto*. A diferença que importa assinalar é esta: quando se fala num texto de tipo narrativo ou argumentativo, por exemplo, assume-se que se fala de um texto em que predominam sequências do tipo referido. Mas dizer que um romance é um texto de tipo narrativo apagará com certeza elementos significativos na composição interna deste ou daquele romance concreto. E o que dizer da crónica? Será um texto de tipo narrativo ou argumentativo? Eos tipos dialogal ou descritivo estarão absolutamente excluídos, neste caso? Todas estas questões obtêm uma resposta clara se usarmos de forma controlada as noções em causa. Assim: romance e crónica são géneros de texto (da atividade literária e jornalística, respetivamente) que podem – como qualquer texto de qualquer género – usar como ingrediente, na sua composição interna, sequências de qualquer tipo.

O domínio dos géneros de texto, como atrás se viu, implica fatores de ordem vária – e não se pode limitar, portanto, a questões de tipologia textual. Faz parte da formação global da pessoa o domínio de diferentes géneros relevantes em termos sociais, profissionais e culturais. No termo do seu percurso escolar, qualquer jovem deverá ter adquirido fluência oral e escrita que lhe permita desempenhar bem as futuras funções profissionais. Da mesma forma, deverá conhecer o património estético, simbólico, cultural e artístico associado aos géneros literários. É um enriquecimento para cada pessoa aprender a conhecê-los, a situá-los no tempo e na história, saber identificá-los, descrevê-los e poder falar deles com precisão e com pertinência.

Referências bibliográficas

- Coutinho, A. (2003). *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FCG/FCT.
- Coutinho, A., & Correia, C. N. (2013). Uma leitura de 'Homero'. In J. Markic & C. N. Correia (ed.), *Descrições e contrastes. Tópicos de gramática portuguesa com exemplos contrastivos eslovenos* (pp. 121 - 136). Ljubljana: Univerza v Ljubljani.
- Jorge, N., & Coutinho, A. (2017). Percursos (linguísticos) para análise (literária). *Palavras*, 50-51, pp. 77 - 87.
- Miranda, F. (2015). Considerações sobre o ensino de géneros textuais: pesquisa e intervenção. In E. Leurquin, A. Coutinho & F. Miranda (ed.), *Formação docente: textos, teorias e práticas*. Campinas: Mercado das Letras.